

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



Atena
Editora
Ano 2021

Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)



EDUCAÇÃO:
SOCIEDADE CIVIL, ESTADO
E POLÍTICAS EDUCACIONAIS
5



Atena
Editora
Ano 2021

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2021 Os autores

Copyright da Edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido

Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília

Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão

Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Profª Drª Elizabeth Cordeiro Fernandes – Faculdade Integrada Medicina

Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília

Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina

Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira

Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Prof. Dr. Fernando Mendes – Instituto Politécnico de Coimbra – Escola Superior de Saúde de Coimbra

Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras

Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria

Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia

Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco

Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará

Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí

Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará

Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas

Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande

Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia

Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará

Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma

Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá

Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados

Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino

Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora

Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa

Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto

Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás

Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná

Prof. Dr. Cleiseano Emanuel da Silva Paniagua – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás

Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Marco Aurélio Kistemann Junior – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrááo Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Secconal Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Profª Ma. Aline Ferreira Antunes – Universidade Federal de Goiás
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andreza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar

Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Me. Christopher Smith Bignardi Neves – Universidade Federal do Paraná
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília
Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Prof. Dr. Everaldo dos Santos Mendes – Instituto Edith Theresa Hedwing Stein
Prof. Me. Ezequiel Martins Ferreira – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Me. Fabiano Eloy Atílio Batista – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Prof. Me. Francisco Odécio Sales – Instituto Federal do Ceará
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFGA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis

Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Profª Ma. Luana Ferreira dos Santos – Universidade Estadual de Santa Cruz
Profª Ma. Luana Vieira Toledo – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Ma. Luma Sarai de Oliveira – Universidade Estadual de Campinas
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Me. Marcelo da Fonseca Ferreira da Silva – Governo do Estado do Espírito Santo
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior
Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo
Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará
Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Prof. Me. Pedro Panhoca da Silva – Universidade Presbiteriana Mackenzie
Profª Drª Poliana Arruda Fajardo – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Renato Faria da Gama – Instituto Gama – Medicina Personalizada e Integrativa
Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba
Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco
Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão
Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Profª Ma. Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana
Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí
Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecária: Janaina Ramos
Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: sociedade civil, estado e políticas educacionais 5
/ Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta
Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5706-775-8

DOI 10.22533/at.ed.758212801

1. Educação. I. Silva, Américo Junior Nunes da
(Organizador). II. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa.

APRESENTAÇÃO

Fomos surpreendidos em 2020 pela pandemia do novo coronavírus. Nesse entremeio de suspensão de atividades e de distanciamento social, fomos levados a repensar as nossas relações e a forma de ver o mundo. Mesmo em 2021 e com a recente aprovação do uso emergencial das vacinas no Brasil, seguimos um distanciamento permeado por angústias e incertezas: como será o mundo a partir de agora? Quais as implicações do contexto pandêmico para as questões sociais, sobretudo para a Educação no Brasil? Que políticas públicas são e serão pensadas a partir de agora em nosso país?

E é nesse lugar histórico de busca de respostas para as inúmeras problemáticas postas nesse período que estão os autores e autoras que compõe esse livro. Sabemos, partindo do que nos apresentaram Silva, Nery e Nogueira (2020, p. 100), que as circunstâncias do contexto pandêmico são propícias e oportunas para construção de reflexões sobre os diversos “aspectos relativos à fragilidade humana e ao seu processo de ser e estar no mundo, que perpassam por questões culturais, educacionais, históricas, ideológicas e políticas”. Essa pandemia, ainda segundo os autores, fez emergir uma infinidade de problemas sociais, necessitando assim, de constantes lutas pelo cumprimento dos direitos de todos.

Esse movimento sistemático de olhar para as diversas problemáticas postas na contemporaneidade, faz desencadear o que o que Santos (2020, p. 10) chamou de “[...] claridade pandêmica”, que é quando um aspecto da crise faz emergir outros problemas, como os relacionados à sociedade civil, ao Estado e as políticas públicas, por exemplo. É esse, ainda segundo o autor, um momento catalisador de mudanças sociais. Direcionar e ampliar o olhar em busca de soluções para os inúmeros problemas postos pela contemporaneidade, portanto, é um desafio, aceito por muitas professoras e professores pesquisadores brasileiros, como os compõe esse livro.

Destarte, as discussões empreendidas nesta obra, “**Educação: Sociedade Civil, Estado e Políticas Educacionais**”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussões e (re)pensar da Educação, considerando os diversos elementos e fatores que a inter cruzam. Reúne-se aqui, portanto, um conjunto de textos originados de autores e autoras de diferentes estados brasileiros e países.

Os autores e autoras que constroem essa obra são estudantes, professoras e professores pesquisadores, especialistas, mestres, mestras, doutores ou doutoras que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores/autoras e discussões por eles e elas empreendidas, mobilizam-se também os leitores/leitoras e os incentiva a reinventarem

os seus fazeres pedagógicos e, conseqüentemente, a educação brasileira. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e todas uma instigante e provocativa leitura!

Américo Junior Nunes da Silva

REFERÊNCIAS

SILVA, A. J. N. DA; NERY, ÉRICA S. S.; NOGUEIRA, C. A. Formação, tecnologia e inclusão: o professor que ensina matemática no “novo normal”. **Plurais Revista Multidisciplinar**, v. 5, n. 2, p. 97-118, 18 ago. 2020.

SANTOS, B. S. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

EDUCAÇÃO, SOCIEDADE E ESTADO REFLETIDOS SOBRE A EDUCAÇÃO POPULAR

Andrea Lima dos Santos

Marta Pontin Darsie

DOI 10.22533/at.ed.7582128011

CAPÍTULO 2..... 12

POLÍTICAS PÚBLICAS DE FORMAÇÃO EDUCACIONAL DO TRABALHADOR

Geilson Batista Matias

DOI 10.22533/at.ed.7582128012

CAPÍTULO 3..... 27

PEDAGOGIA UNIVERSITÁRIA: ABORDAGENS COM VISTAS À FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ENSINO SUPERIOR

Marilde Queiroz Guedes

Marta Maria Silva de Faria Wanderley

DOI 10.22533/at.ed.7582128013

CAPÍTULO 4..... 40

DISCALCULIA E SUAS CONSEQUÊNCIAS NO ENSINO DE MATEMÁTICA: RELATO DE CASO E INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

Jéssica Ribeiro Dias

Carmelio Brandão da Silva

Lucas Martins Silva

Erivan Silva Costa

Marcílio de Macêdo Vieira

DOI 10.22533/at.ed.7582128014

CAPÍTULO 5..... 52

A CONTRIBUIÇÃO DA MERENDA ESCOLAR NO DESENVOLVIMENTO INFANTIL

Maria Gislaïne de Santana

Jandicleide E. Lopes

DOI 10.22533/at.ed.7582128015

CAPÍTULO 6..... 63

ASPECTOS RELEVANTES ENTRE AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO DOCENTE, COM AS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM E A MOTIVAÇÃO ALUNOS DO 5 ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL I

Sonaira Fortunato Pereira

Francisca Maria Chagas

Laiza Cristina da Cruz Jardim de Oliveira

Eva Lúcia de Oliveira Silva

Gislaine Cristina de Souza

Aline Ajovedi Sperandio

Alexandre Pereira

Daniela Henrique Olivo

Arion Carlos de Souza
Antonio Rodrigues de Oliveira Junior
DOI 10.22533/at.ed.7582128016

CAPÍTULO 7..... 71

DESLOCAMENTO, EXPERIÊNCIA: MOVIMENTOS DE UMA ESCRITA EM ERRÂNCIA

Jair Miranda de Paiva
Andréa Scopel Piol
Mauro Brito Cunha
Olímpio Muniz Gavi

DOI 10.22533/at.ed.7582128017

CAPÍTULO 8..... 85

MEDIALABS UNIVERSITARIOS PARA LA INNOVACIÓN EDUCATIVA

Fernando Almaraz Menéndez
Teresa Martín García
María Carmen López Esteban

DOI 10.22533/at.ed.7582128018

CAPÍTULO 9..... 95

EDUCAÇÃO COOPERATIVA: INFLUÊNCIA DO GRUPO DE ESTUDO NO RENDIMENTO ACADÊMICO

Maria Flávia Pereira da Silva
Maria Elizabeth da Silva Hernandes Corrêa
Claudia Maria Waib Castello Branco
Denize Maria Galice Rodrigues
Marcelo Rodrigues
Walter Roberto Schiller
Antonio Clarete Tessaroli Junior

DOI 10.22533/at.ed.7582128019

CAPÍTULO 10..... 106

DISCURSOS TECNOPEDAGÓGICOS DO PROFESSORADO SOBRE OS USOS DAS TECNOLOGIAS DA INFORMAÇÃO E DA COMUNICAÇÃO EM EDUCAÇÃO

Osbaldo Turpo-Gebera
Rocio Díaz Zavala
Fernando Pari-Tito
Juan Zarate-Yeppez

DOI 10.22533/at.ed.75821280110

CAPÍTULO 11..... 116

O GOALBALL COMO CONTEÚDO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UMA PRÁTICA INCLUSIVA

Sonaira Fortunato Pereira
Francisca Maria Chagas
Gislaine Cristina de Souza
Aline Ajovedi Sperandio
Alexandre Pereira

Victor de Moura Ferreira
Arion Carlos de Souza
Antonio Rodrigues de Oliveira Junior

DOI 10.22533/at.ed.75821280111

CAPÍTULO 12..... 126

OS CONTORNOS DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL NA EDUCAÇÃO CONTEMPORÂNEA: DELINEAMENTOS E PROJEÇÕES

Valéria de Fátima Carvalho Vaz Boni
Rosa Maria Sequeira

DOI 10.22533/at.ed.75821280112

CAPÍTULO 13..... 138

GESTÃO UNIVERSITÁRIA: A RELAÇÃO ENTRE AS CARACTERÍSTICAS DO CORPO DOCENTE E O DESEMPENHO DISCENTE

Alyne Alves Trindade
Jose Geraldo Pereira Barbosa
Marco Aurélio Carino Bouzada

DOI 10.22533/at.ed.75821280113

CAPÍTULO 14..... 156

TECNOLOGIA E O ENSINO DE LITERATURA NA EDUCAÇÃO À DISTÂNCIA – EAD. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Fabrizia de Souza Carrijo

DOI 10.22533/at.ed.75821280114

CAPÍTULO 15..... 163

A PRÁTICA DOCENTE DE UMA EDUCAÇÃO MEDIADORA NO PROEITI: O DISCURSO DE PROFESSORES NA POLÍTICA DE EDUCAÇÃO INTEGRAL

Simone da Conceição Rodrigues da Silva
Otilia Maria Alves da Nóbrega Alberto Dantas

DOI 10.22533/at.ed.75821280115

CAPÍTULO 16..... 177

A IMPORTÂNCIA DA MONITORIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA PELA DISCIPLINA DE CIÊNCIAS DO AMBIENTE E MANEJO DE RECURSOS NATURAIS

Ana Carolina de Santana Moura
Carlos Frederico Lins e Silva Brandão
Thailys Campos Magalhães
Miryam Torres dos Santos Cunha
Tertuliano Ferreira Moreno
Ramon de Lima Vila Nova

DOI 10.22533/at.ed.75821280116

CAPÍTULO 17..... 184

CRIANÇAS INVESTIGAM OS DINOSSAUROS ATRAVÉS DE DIFERENTES LINGUAGENS

Nádia Massagardi Caetano da Silva

DOI 10.22533/at.ed.75821280117

CAPÍTULO 18.....	198
I ENCONTRO DE EGRESSOS DO PET ENGALI: O IMPACTO DO GRUPO NO DESENVOLVIMENTO PESSOAL E PROFISSIONAL DE SEUS PARTICIPANTES	
Loren Ramos Silvério	
Alessandra Rodrigues Barbosa	
Allana Alves de Azevedo	
Ana Paula Nogueira Guimarães	
Adriana Régia Marques de Souza	
Miriam Fontes Araújo Silveria	
DOI 10.22533/at.ed.75821280118	
CAPÍTULO 19.....	204
FORMAÇÃO DOCENTE NA PERSPECTIVA INTERDISCIPLINAR DO ENSINO DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA	
Sandra Cadore Peixoto	
Andressa Franco Vargas	
Thalia Leiria Pinto	
Carolina Ferreira da Silva	
Tatiane Bertuzzi	
DOI 10.22533/at.ed.75821280119	
CAPÍTULO 20.....	220
METODOLOGIAS ATIVAS: UM ESTUDO DE CASO DE SUA APLICABILIDADE EM CURSOS DIFERENCIADOS COMO PROPOSTA DE VALIDAÇÃO DE ENSINO/APRENDIZAGEM	
Antonio Lobosco	
DOI 10.22533/at.ed.75821280120	
CAPÍTULO 21.....	229
A IMPORTÂNCIA DA MONITORIA NA FORMAÇÃO ACADÊMICA DO MONITOR NA DISCIPLINA DE BIODIESEL	
Thailys Campos Magalhães	
Amanda Santana Peiter	
Tertuliano Ferreira Moreno	
Ana Carolina de Santana Moura	
Miryam Torres dos Santos Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.75821280121	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	235
ÍNDICE REMISSIVO.....	236

CAPÍTULO 7

DESLOCAMENTO, EXPERIÊNCIA: MOVIMENTOS DE UMA ESCRITA EM ERRÂNCIA

Data de aceite: 25/01/2021

Data de submissão: 06/11/2020

Jair Miranda de Paiva

Universidade Federal do Espírito
Departamento de Educação e Ciências
Humanas
São Mateus, ES
<http://lattes.cnpq.br/4175011706310912>

Andréa Scopel Piol

Faculdade de Ensino Superior de Linhares
Linhares, ES

Mauro Brito Cunha

Secretaria Municipal de Educação
São Mateus, ES
<http://lattes.cnpq.br/0921993290210379>

Olímpio Muniz Gavi

Secretaria Municipal de Educação
Cariacica, ES
<http://lattes.cnpq.br/3649251129468415>

RESUMO: Este texto expõe a procura de uma infância, da infância do pensar que se põe ou cai num lugar de (im)possibilidade de pensamento, de escrita, em busca da tematização de uma experiência. Mostra, também, a exposição diante da infância como tema de pesquisa-vida e como tematização de infâncias possíveis que apontam criações onde vemos impossibilidades. Busca relacionar esse movimento a múltiplas referências, tangenciando um diálogo com a literatura como alteridade e voz do outro, com a

ideia de infância e estrangeiridade como condição de início radical, experiência, criação. Como objetivos, destacamos: caracterizar a errância e o deslocamento como signos do aprender, do habitar um espaço distinto do habitual; problematizar o lugar da escrita como devir e possibilidade do encontro com o outro e apontar a infância como devir e potência do pensamento, concluindo por problematizações da educação da criança e da infância na escola popular, apontando para outras criações possíveis, recomeços de outras linhas e escritas. Nesse lugar de perguntas pela infância, nos incluímos como participantes de um deslocamento espacial, temporal, intensivo. Como metodologia, fazemos uso da pesquisa bibliográfica, em diálogo com referências teóricas de Serres (1993), Kohan ((2003, 2007, 2016), Larrosa (2003), Deleuze (1992, 1997), Deleuze-Guattari (1997), Deleuze-Parnet (1998), entre outras. Numa primeira seção, discutimos a infância de uma escrita, como lugar estrangeiro e de errância da aprendizagem do próprio viver. Na segunda, relacionamos a escrita com o deslocamento e a alteridade. Por fim, na terceira parte sugerimos que a escrita e o deslocamento, tal como o aprender em errância, apontam para o conceito de infância como intensidade, rizoma, devir, recomeço e pergunta. Concluímos que as perguntas nos lançam a outras perguntas que nos levam a outras margens, recomeçando o processo de escrita e vida.

PALAVRAS-CHAVE: Deslocamento, escrita, errância, infância.

DISPLACEMENT, EXPERIENCE: MOVEMENTS OF WRITING IN ERRANCE

ABSTRACT: This text exposes the search for a childhood, the childhood of thinking that puts itself or falls into a place of (im) possibility of thought, of writing, in search of the thematization of an experience. It also shows the exposure to childhood as a research-life theme and as a theme for possible childhoods that point to creations where we see impossibilities. It seeks to relate this movement to multiple references, embodying a dialogue with literature as otherness and the voice of the other, with the idea of childhood and foreignness as a condition of radical beginning, experience, creation. As objectives, we highlight: to characterize wandering and displacement as signs of learning, of inhabiting a space different from the usual; problematize the place of writing as becoming and the possibility of meeting with the other and point out childhood as becoming and the power of thought, concluding by problematizing the education of children and childhood in popular schools, pointing to other possible creations, starting over from other lines and written. In this place of questions about childhood, we include ourselves as participants in an spatial, temporal, intensive displacement. As a methodology, we make use of bibliographic research, in dialogue with theoretical references by Serres (1993), Kohan ((2003, 2007, 2016), Larrosa (2003), Deleuze (1992, 1997), Deleuze-Guattari (1997), Deleuze-Parnet (1998), among others. In the first section, we discussed the childhood of writing, as a foreign place and an erroneous learning of living itself. In the second, we relate writing with displacement and otherness. We suggest that writing and displacement, as well as learning errantly, point to the concept of childhood as intensity, rhizome, becoming, starting over and asking. We conclude that the questions throw us to other questions that take us to other margins, starting over the writing and life process.

KEYWORDS: Displacement, writing, wandering, childhood.

1 | INTRODUÇÃO

Este texto não possui um centro unificado como se considerava no livro ou escrito clássico, no sentido de uma interioridade ou totalidade acabada, do qual se espraíariam verdades ou lições, como nos lembram Deleuze-Guattari (1995). Tomado por intensidades e sensibilidades diante de deslocamentos espaciais, afetivos, descobertas e sensações, este escrito é parte de uma experiência, seja no sentido de uma travessia da qual se sai transformado, conforme Foucault, seja no sentido de uma infância como condição de toda experiência, segundo Agamben (2014). Nesse sentido, é um escrito experiência, não um escrito verdade, segundo as palavras de Larrosa-Kohan (2016). Assim, não se propõe abordar teorias da infância, seja do ponto de vista psicológico ou sociológico, ainda que tais abordagens se revistam de importância em vários âmbitos, sobretudo naquele que aqui é visado, o campo educativo.

Recuperamos, partindo de Michel Serres, o aprender como errância composta de riscos, pois os passos que se dão de uma margem a outra, até diríamos em distintas margens e fronteiras, são abertos aos perigos do percurso, que pedem a presença de um mestre para esse desvio do lugar natural que o aprender e a educação propõem. Nesse sentido, ainda com o pensador francês, veremos que a educação como errância apresenta

mutações de um aprendizado pelo movimento em direção ao que ele denomina o lugar mestiço das quatro estranhezas ou alteridades: a quebra do corpo em partes, a saída do corpo de seu lugar habitual para o exterior, a escolha do caminho e o trilhar do caminho mestiço.

A seguir, nos remetemos a uma reflexão sobre a escrita, auxiliados pelas noções de deslocamento e alteridade. Numa aproximação da literatura, com Calvino (1990) e Piglia (2013), a escrita nos parecerá como lugar de deslocamento em direção ao outro e à alteridade do mundo, mais do que conhecimento ou deleite existencial, num processo de ascese e sobriedade, simplicidade e involução, nos termos dos autores de **Mil Platôs**, Deleuze-Guattari (1998).

Nossa última seção, no movimento de tomar a escrita e o pensamento como exercício de errância mais do que de certezas, buscamos na noção de infância como tempo intensivo a inspiração para recolocar perguntas sobre educar, pensar, filosofar com crianças, infância popular, escola pública popular. Sem sínteses ou totalizações, encerraremos nosso texto com um exercício aberto de recomeçar. Começamos pela escrita.

2 | INFÂNCIA DE UMA ESCRITA

“Perguntou-lhe Nicodemos: Como pode um homem nascer, sendo velho? Pode, porventura, voltar ao ventre materno e nascer segunda vez?” (Jo 3, 4).

Esta escrita não se funda numa verdade, antes desliza na experiência, no deslocamento e *descolamento* de um centro único de sentido, remetendo a uma problematização de sua proveniência concreta, que aqui começamos por aproximar do texto, do corpo, enquanto a escrita é texto, em sua etimologia, do verbo ‘texere’, tecer, fazer tecido, entrançar, entrelaçar; construir sobrepondo ou entrelaçando, segundo o Houaiss (2001, p. 2713): texto, tecido, fios trançados de algodão, linho; texto bricolagem de palavras, linhas. Texto-tecido também que é nosso próprio corpo, tecidos, conjuntos de órgãos, linhas das veias carnes, ossos... texto e linhas, ainda, da cidade, com suas ruas, vielas, sinuosidades...

Este texto-infância, no sentido de inícios, expõe, ainda, o estrangeiramento de si e do corpo, que se põem fora de seus muros, para aventurar-se fora de seu grupo habitual, da segurança dos pares, em outra cidade, para experimentar, ainda que dentro de seu país, outras margens, terceiras margens, no perigo que é viver, segundo Rosa-Riobaldo (1994). Escrita que não tem medo de reconhecer-se, nas palavras de Larrosa (2003, p. 7, 29) como “oco da escrita, aberto”, num processo em que o devir é seu movimento, sem evolução, interioridade, num processo aberto em que “escrever sem / poder escrever sem / saber escrever sem outro fim / que o sem-fim / da escrita”. Num processo em que se queimam “as palavras sábias, as respostas arrogantes, os livros lidos, os ruídos que tudo ocupam”

(LARROSA, 2003, p. 59). Afirmamos a ignorância antes que o saber, numa direção em que se exploram palavras, sensações, vazios, silêncios, inquietudes, perguntas: “caminhar em direção à infância” (Id, p. 115).

Por isso: escrita quebrada, experiência: não a imagem perfeita de um pensamento transparente a si, mas estilhaços de vida, fragmentos de sensações, criando perceptos (desejando criar como arte). Um texto, assim, nos liga ao que é tecido junto: nosso corpo, cidade, encontros com pessoas, ideias, movimentos, sobressaltos, potências. Um texto, ainda, com seu avesso, com o outro lado de suas linhas, outras linhas, outros traços, entrelaçamentos, como marca de agenciamentos múltiplos do desejo.

Mas uma escrita que percorre a vida, no curso da vida, quando mira a infância, também começa por enfrentar sua própria estrangeiridade, pois o território da infância, por demais conhecido, por todos nós, humanos, vividos, também se põe para cada um por demais afastado, tornando-se território estranho, enigmático.

Estrangeiridade que nos aproxima da ideia de deslocamento, mutação, movimento. Como aquela mudança narrada por Serres (1993) que, ao ser obrigado pelo professor a usar a mão direita sendo canhoto, acaba levando-o à plenitude do corpo completo, na imagem de atravessar sozinho um rio impetuoso a nado. Experiência em que se sabe no meio, entre dois limiares, aquele que se deixa e aquele a que se destina, no qual, Serres (1993, p. 12) observa: “o corpo voa e esquece o que é sólido, não mais na expectativa das descobertas estáveis, mas como instalando-se para sempre em sua vida estrangeira” de uma margem a outra, com a possibilidade de encontrar um outro mundo, outra língua, mundo que efetiva um novo sentido, em que “a verdadeira passagem ocorre no meio. Qualquer sentido que o nado tome, o solo jaz a centenas de metros sob o ventre ou a quilômetros atrás e na frente. [...] Deve atravessar, para aprender a solidão. Esta se reconhece no desvanecimento das referências” (SERRES, 1993, p. 13). Como nessa escrita, diante da infância, outras margens.

No entanto, o nadador chega a outra margem, com sofrimento mas na coragem de um processo de aprendizado, “relativizando para sempre a esquerda, a direita e a terra de onde saem todas as direções”, na expressão de Serres (1993, p. 13). Como resultado, o filósofo reconhece que “ao atravessar o rio e entregar-se completamente nu ao domínio da margem à frente, ele acaba de aprender uma coisa mestiça. O outro lado, os novos costumes, uma língua estrangeira [...]” (Idem, p. 14). E, nesse ponto, o pensador francês nos mostra a relação da experiência de nadar, de sair de sua terra firme, com a imagem da aprendizagem, que ocorre a quem foi ‘empurrado’ nessa viagem ao desconhecido pelos mestres. Tal experiência da aprendizagem remete Serres a elaborar um princípio de sua pedagogia: “Perceberão os mestres que só ensinaram, no sentido pleno, aqueles aos quais contrariaram, ou melhor, completaram, aqueles que obrigaram a atravessar?”.

Reconhecendo-se nesse mestre, Serres (1993, p. 14) assevera: “De fato, nada aprendi sem que tenha partido, nem ensinei ninguém sem convidá-lo a deixar o ninho”.

É desse movimento, dessa partida que nos parte em dois, em múltiplos, que brota o movimento que faz adquirir um novo significado:

Partir exige um dilaceramento que arranca uma parte do corpo à parte que permanece aderente à margem do nascimento, à vizinhança do parentesco, à casa e à aldeia dos usuários, à cultura da língua e à rigidez dos hábitos. Quem não se mexe nada aprende. Sim, parte, divide-te em partes. Teus semelhantes talvez te condenem como um irmão desgarrado. Eras único e referenciado. Tornar-te-á vários, às vezes incoerente como o universo que, no início explodiu, diz-se, com um enorme estrondo. Parte, e tudo então começa, pelo menos a tua explosão em mundos à parte. Tudo começa por este nada (SERRES, 1993, p. 14-15).

Nessa imagem de partir reconhecemos a escrita partida que referimos, partida-viagem-escrita que não nos mete medo, antes impulsiona a nos deslocar do lugar cômodo do saber para lançar-nos no lugar da ignorância, do examinar sua vida, como nos legou Sócrates. Por isso, pode-se afirmar com Serres (1993, p. 15), que “nenhum aprendizado dispensa a viagem. Sob a orientação de um guia, a educação empurra para fora. Parte, sai”. Larga a casa cálida de teus pais, nos inspira o pensador, experimenta a chuva, o vento, sem medo de que do lado de fora faltem abrigos. Acima de tudo, deixe o reino das palavras antigas que repete como “velho papagaio”. Experimente, aprenda: “Viagem das crianças, eis o sentido lato da palavra grega pedagogia. **Aprender lança a errância**” (SERRES, 1993, p. 15, grifo nosso).

Mas, ter a coragem de tomar o caminho incerto exige coragem, que a infância em sua errância (e aprendizagem, ousamos acrescentar) nos dá mostras fartas, pois a criança infante tem uma relação intensa e afirmativa com o real, pelo jogo, pela brincadeira, pela descoberta. Mas também a criança deve ser seduzida para tomar o caminho difícil, nos mostra Serres (1993, p. 15), pois se trata de desviar do lugar natural, bifurcar o caminho, pois “nenhum gesto da mão que segura uma raquete obedece a uma atitude que o corpo tomaria espontaneamente”, assim como nenhuma palavra em inglês emana com facilidade da boca de um francês (ou brasileiro), nem o vento ou os pássaros nos ensinam música: “Só resta tomar o corpo, a língua ou a alma a contrapelo. Bifurcar quer dizer obrigatoriamente decidir-se por um caminho transversal que conduz a um lugar ignorado. Sobretudo: jamais tomar a estrada fácil, melhor atravessar o rio a nado”. Tais são, portanto, as mutações de um aprendizado incerto pelo deslocamento, pelo movimento em direção à estrangeiridade:

Partir. Sair. Deixar-se um dia seduzir. Tornar-se vários, desbravar o exterior, bifurcar em algum lugar. Eis as **três primeiras estranhezas**, as três variedades de alteridade, os três primeiros **modos de se expor**. Porque não há aprendizado sem exposição, às vezes perigosa, ao outro. Nunca mais saberei quem sou, onde estou, de onde venho, aonde vou, por onde vou passar. Eu me exponho ao outro, às estranhezas (SERRES, 1993, p. 15, grifo nosso).

No entanto, considera Serres (1993, p. 15-16) que não se navega sozinho, temos a

necessidade de um mestre ou um instrutor temporário, pois se trata de lugar que o iniciado (discípulo, aluno, ou quem habitar esse novo lócus) ignora, mas que descobrirá com o percurso: “Esse espaço existe, terra, cidade, língua, gesto ou teorema. A viagem é para lá”. Mas não se viaja apenas para conquistar as ‘três estranhezas ou alteridades’, algo mais se dá entre mestre e discípulo: “não, o jogo da pedagogia não é jogado a dois, viajante e destino, mas a três. O lugar mestiço intervém aí como soleira da *passagem*. Ora, quase sempre nem o aluno nem o iniciador conhecem o lugar e o uso dessa porta” (SERRES, 1993, p. 16; grifo nosso).

As quatro estranhezas ou alteridades ou, ainda, conforme expressão de Serres (p. 1993, p. 18), “provas ou exposições maiores da pedagogia”, quais sejam: “estilhaçamento do corpo em partes, expulsão para o exterior, escolha necessária do caminho transversal e paradoxal e, enfim passagem pelo lugar mestiço”, já são experimentadas por nós desde o nascimento, pois, no parto, fomos arrancados de um corpo imbricado com o nosso, num empurrão irresistível para fora, passando por uma garganta apertada e dilatada, que podia nos enforcar com seu cordão... Um viver que sai de uma agonia de nascer com o risco de morrer em outro corpo. Vivo, pode-se dizer de cada vivente, segundo Serres (1993, p. 19): “[...] uma vez que está aí, de pé com o coração batendo, arfando, já sabe e, portanto, já é possível adaptar-se, aprender: morrer-viver como mestiço incluso”. O que nos leva a reconhecer o tênue fio que nos dá e possibilita a vida em seus riscos, inclusive de perdê-la no próprio ato de recebê-la: “Já aprendemos que o fim de uma agonia podia de repente equivaler ao último capítulo da vida. Nascimento, conhecimento: que exposição é mais terrível ao mais imenso dos riscos?”. Viventes, somos também passantes do tempo, expostos a quedas, escorregões:

Toda evolução e todo aprendizado exigem a passagem pelo lugar mestiço. De forma que o conhecimento, seja pensamento ou invenção, não cessa de passar de um lugar mestiço a outro, se expondo sempre portanto, e aquele que conhece, pensa ou inventa logo se torna um passante mestiço. Nem posto, nem oposto, incessantemente exposto. [...] Caracteriza-o o não-lugar, sim, o alargamento, portanto a liberdade ou, melhor ainda, o desaprumo, esta condição constringedora, e soberana da condução à verdade (SERRES, 1993, p. 19-20).

Condição constringedora, estrangeira, não-lugar: a tarefa do pensamento, da invenção, a liberdade como ato, ainda que nos pequenos atos de criação, nos leva a um processo de deslocar, de estar entre as margens, num movimento de viagem que nos lança ao desconhecido – para esse nos permitiremos outras aproximações, nas quais tomaremos a literatura como lugar de reconhecimento do outro, de uma alteridade necessária.

3 I DEVIR ESCRITA: DESLOCAMENTO E ALTERIDADE

Para além do sentido comum de deslocamento físico, tomamos aqui o termo em

seu sentido de habitar outro lugar, sair de casa no sentido de Serres (1993), atravessar um rio que se desconhece as margens. Ou atravessar um sertão, como Riobaldo, em grande sertão: veredas, num processo labiríntico de busca de suas próprias origens (filho bastardo), errâncias, lutas, travessia, em que “[...] o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (ROSA, 1994, p. 46). Travessia que, na obra **Grande sertão: veredas**, vem carregada de perigos, mistérios, perguntas, abertura para o fantástico, prosaico, comum, grandioso, infância dos tempos, num perigo inerente ao próprio trajeto. Nesse sentido, a expressão “viver é perigoso” aparece com muitas variantes em grande sertão: veredas. Considerando o sertão rosiano, ao mesmo tempo fincado na geografia e história do Brasil, transfigurando-as esteticamente como lugar metafísico, mas também como emblema da violência do processo de modernização do Brasil (STARLING, 1999), entre outras leituras (violência presente ainda nas periferias urbanas do Brasil, sobretudo no contexto da escrita deste texto).

Deslocamento, ainda, no sentido que lhe dá R. Piglia (2013) que retoma as *Seis propostas para o próximo milênio* do escritor italiano Italo Calvino (1990) para a literatura: a leveza, a rapidez, a exatidão, a visibilidade, a multiplicidade. Como se sabe, as propostas tiveram origem numa série de conferências do escritor em Harvard, porém, com sua morte, manteve-se apenas o título, pois a sexta conferência não foi pronunciada. Piglia (2013, p. 1) propõe-se, em suas palavras, a imaginar: “¿Cual sería la sexta proposición no escrita para el próximo milenio? ¿Y cual sería esa propuesta pensada desde Buenos Aires, desde este suburbio del mundo?”

Para Piglia, imaginar uma proposta para a literatura supõe imaginar a realidade de que fala essa literatura, um mundo possível: “cómo imaginar una vida posible, una vida alternativa”. Falando a partir de sua realidade, que podemos amplificar para a nossa, brasileira, começa por reconhecer que a literatura deve pensar a experiência dos limites, “la experiencia del horror puro de la represión clandestina, que a menudo parece estar más allá de las palabras”. A literatura se põe diante de seu limite, para além dos quais é impossível se aproximar com ela (“imposible acercarse con la literatura”), como as experiências do horror: dos campos de concentração, da tortura, dos assassinatos por motivos político-ideológicos...

A partir de relatos do argentino Rodolfo Walsh, escritor que começou escrevendo contos “a la Borges”, Piglia nos apresenta o limite da responsabilidade civil do intelectual, quando Walsh se envolve na resistência clandestina à ditadura militar, escrevendo sua “Carta abierta de un escritor a la Junta Militar”, sendo assassinado no dia seguinte. Carta pungente e demolidora do regime de exceção então instalado na Argentina (1976-1983). Piglia mostra em outros escritos clandestinos de Walsh como o escritor dá a voz a outro: o primeiro escrito, “Carta a Vichy”, relata pelo olhar de outro a morte de sua filha, jovem guerrilheira, no enfrentamento da ditadura militar; o segundo, “Carta a meus amigos”, do mesmo modo, narra pela voz de outro que presenciou os fatos. Assim, conclui Piglia (2013,

p. 4): “Walsh hace ver de qué manera podemos mostrar lo que parece casi imposible de decir. **La literatura sería el lugar en el que siempre es otro el que viene a decir**” (grifo nosso), na relação intersubjetiva, no movimento em direção ao outro. Toma forma, assim, a proposta que Calvino não chegara a formular para o próximo milênio, sendo a literatura esse lugar pelo qual um outro pode falar: “A la que yo llamaría, el deslizamiento, el desplazamiento, el cambio de lugar. Salir del centro, dejar que el lenguaje hable también en el borde, en lo que se oye, en lo que llega de otro”.

Vemos como, dessa maneira, Piglia mostra como ao sair do centro, deixar que a linguagem fale também da margem, em direção ao outro, realiza o que Calvino (1990, p. 15) já o dissera em relação ao dever da literatura “de representar nossa época”, dando à linguagem, à escrita, acrescentaríamos, “a espessura, a concreção das coisas, dos corpos, das sensações” (Idem, p. 27), realizando a leveza do pensamento como proposta do escritor italiano, evitando que o peso da matéria nos esmague.

Tal perspectiva está presente no parentesco que Calvino observa entre a literatura tomada como busca do conhecimento, como função existencial diante da pulverização do mundo e a “constante antropológica” presente na antropologia, etnologia e mitologia, através das figuras dos xamãs e das bruxas: para enfrentar as adversidades da tribo, como secas, fome, doenças, o xamã sai de seu próprio corpo em direção a outro mundo para encontrar forças e transformar seu mundo. Do mesmo modo, numa época da submissão feminina, as bruxas com os instrumentos leves como a vassoura ou a espiga de milho, antes de serem alvos da Inquisição católica, representam a leveza da realidade limitante, entre “levitação desejada e a privação sofrida”, nas palavras de Calvino (1990, p. 40). Tal leveza como tarefa e como necessidade se encontra presente na literatura oral e no folclore, para Calvino (1990, p. 40), em que “nas fábulas, o vôo a outro mundo é uma situação que se repete com frequência”, remetendo ao estudioso dos contos V. Propp, para quem “o objeto da busca encontra-se habitualmente em *outro* reino, num reino *diverso*”, em que o herói voa através do espaço: num tapete mágico, no dorso de um cavalo alado... levitação sobre a realidade, criando outra realidade, permitindo que seja transformada pela palavra.

A escrita literária que apela à leveza no sentido de Calvino, nos remete, também, a Deleuze (1997, p. 11), para quem a literatura não é “impor uma forma (de expressão) a uma matéria vivida”, antes “é um caso de devir, sempre inacabado, sempre em via de fazer-se, e que extravasa qualquer matéria vivível ou vivida”. Devir, porém, não é evolução, não é atingir uma forma, pela imitação ou identificação, “mas encontrar uma zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que não seja possível distinguir-se de uma mulher, de um animal ou de uma molécula [...]”. É da ordem da aliança, simbiose, do que está sempre no meio, entre seres de reinos diferentes, do qual não sai descendência, como a vespa e a orquídea, “da qual nenhuma vespa-orquídea pode descender”, como aparece em Deleuze-Guattari (1997, p. 19), involução criadora, núpcias entre reinos. Devir, como processo do desejo, é, nas palavras de Deleuze-Guattari (1997, p. p. 64), “a partir

das formas que se tem, do sujeito que se é, dos órgãos que se possui ou das funções que se preenche, extrair partículas, entre as quais instauramos relações de movimento e repouso, de velocidade e lentidão [...]”: errância, deslocamento, potência de uma escrita como agenciamento de desejo.

Tal processo, que no aprender lança a errância, nos conduz a um processo de ascese, sobriedade e involução: “é tornar-se cada vez mais sóbrio, cada vez mais simples, tornar-se cada vez mais deserto e, assim, mais povoado” (DELEUZE-PARNET, 1998, p. 39). Na expressão de Deleuze-Guattari (1997, p. 72, 73): “ser como todo mundo”, isto é, tornar-ser desconhecido, escapando da molaridade, do que enraíza nos pequenos dramas cotidianos; é “eliminar tudo que é dejetivo, morte e superfluidade”, pois “devir todo mundo é fazer mundo, fazer um mundo”, dando voz à alteridade que nos habita, possibilitando alianças, rizomas, conexões com outros, rizomas e agenciamentos.

O devir, por outro lado, remete ao nomadismo, à recusa do sedentarismo de pensamento, da forma Estado, moral, molar. Estar no meio, dizem Deleuze-Parnet (1998, p. 41, 42), não é estar no centro, no consenso, antes se define por uma velocidade absoluta, que traça linhas de fuga criadoras, intensidade e não extensão, quantidade de um movimento, como a dos nômades: “a velocidade absoluta é a dos nômades, até mesmo quando eles se deslocam rapidamente. Os nômades estão sempre no meio. [...] A estepe, a grama e os nômades são a mesma coisa”. Escapar da máquina Estado, fazer do pensamento uma potência nômade que abala o Estado não significa mover-se necessariamente, a velocidade absoluta pode ser ficar quieto para não espantar os devires, “é ser tomado em um devir, que não é um desenvolvimento ou uma evolução”, é deslizar entre. **“As crianças são rápidas porque sabem deslizar entre”** (Id., p. 42, grifo nosso).

Nesse ponto, pensamos que uma das possibilidades de pensar se dá a partir da infância, de outras crianças que habitam as crianças reais, pelo devir e pela infância que nos habita, da qual este texto procura se aproximar.

4 | DEVIR CRIANÇA E INFÂNCIA: PERGUNTAS E PARADOXOS

Como no livro das perguntas de Pablo Neruda (2008), optamos por nos deixar levar pelas perguntas, por seu movimento e caminhar, sem destino definido, antes aberto a novas configurações, como a infância, vida a ser vivida como descoberta, novos inícios todos os dias. Perguntas, por fim, que nos levam pensar a infância como estrangeiramento, como no início deste texto, deslocamento. Somos tomados por perguntas, queremos deixá-las fluir. Somos tomados por paradoxos num pensamento da infância. Começamos. Pensar a infância, pensamento da infância já nos leva a um primeiro: parece remeter-nos a possibilidades diferentes: pensamento *sobre* a infância –tomada como objeto e pensamento *da* infância por ela mesma – infância sujeito.

No primeiro sentido, parece evidente que há um pensamento sobre a infância,

pois há uma profusão de teorias importantes que tomam a infância por objeto: psicologia, sociologia, história. No caso das teorias ‘psi’ em suas variadas tendências (psicanálise e psicologias), haveria um elemento adicional: a voz das crianças aparece, seja no discurso do adulto ou da criança, como no discurso ou nos desenhos e pinturas das próprias crianças quando submetidas a alguma intervenção.

No segundo sentido, porém, caímos em dificuldades. Conforme Kohan (2003), desde Platão (para ficarmos em nossa cultura dita ocidental), a infância é silenciada, é sinônimo de precariedade, impotência, não saber, não ser. É ser num sentido especial: como matéria de sonhos e projeto políticos dos adultos. Nesse ponto, a educação da infância tem um lugar especial, considerado o papel que se imagina devam desempenhar na sociedade política que se planeja *para* elas. Não *com* elas. Nesse sentido, conforme Kohan (2003, p. 40), a infância é incompleta, inacabada, potência de ser maleável aos projetos da pólis, do Estado. Seu “ser tudo no futuro esconde um não ser nada no presente”.

Da mesma forma, nos mostra Kohan (2003, p. 46), em Platão as crianças, além de não terem uma forma definida, um ser atual, também são inferiorizadas: “elas não têm razão, compreensão ou juízo”. Devem ser conduzidas por um adulto, podem ser castigadas por ele, por serem insolentes, astutas. As crianças, como as mulheres, são dominadas pelos prazeres inferiores ou sensíveis. São, também, lugar do engano, contraditório. Em outro lugar, em Aristóteles, as crianças são aparentadas aos idosos, bêbados, loucos, que não têm acesso à razão (KOHAN, 2007, p. 109).

No ambiente grego citado, compreende-se que a criança deve ser objeto de cuidados da cidade, pólis, para ser plasmada em função do que desejam os líderes políticos (KOHAN, 2003, p. 55-59), ou seja, ocupar um lugar já designado para ela.

Nossa questão – pensamento da infância como sujeito – também encontra dificuldades nela mesma, dependendo da consideração restrita dado ao pensamento. Se esse é tomado como pensamento lógico-conceitual, pela capacidade de fazer relações, inferências, abstrações, deduções, etc, parece que a infância também não pode ser sujeito pleno, pois para Piaget tal capacidade só se desenvolve com a passagem à adolescência. Podemos considerar que ainda não perguntamos nossas perguntas mesmas: o que significa pensar? O que é infância? O que é pensar para que haja pensamento na infância? O que é infância para que seja digna de pensar?

Vejamos, no entanto, um outro lugar ocupado pela infância no pensamento grego, que nos permita dar um passo para além do silenciamento da infância presente em Platão e Aristóteles. Se, por um lado, mostra Kohan (2003) a infância em Platão se situa como a primeira das “filosofias clássicas da infância” (primeira parte de sua obra referenciada, ao lado da infância escolarizada dos modernos conforme Foucault e da infância educada pela filosofia por Lipman), a seguir podemos pensar, com ele, que há outra possibilidade, no pensamento clássico mesmo, de afirmar outra infância.

Kohan (2003, p. 116) nos apresenta a infância como afirmação do novo, da criação,

“metáfora da criação no pensamento; uma imagem de ruptura, de descontinuidade, de quebra do normal e do estabelecido” em quatro pensadores: Heráclito, Sócrates, Rancière e Deleuze, vistos não como modelos de pensamento, mas como vislumbres, possibilidades. Podemos apontar outros, pensar que há outras infâncias afirmadas em M. de Barros, S. Rodríguez, G. Rosa (Cada um desses autores merece uma pesquisa singular. Apontamos, aqui, por ora, que M. de Barros e S. Rodríguez, entre outros, são trabalhados por Kohan em várias de suas criações infantis. Acerca de Rosa apontamos uma obra fundamental, a nosso ver: *Chegar à infância*, de B. Leal (2001)).

Para nosso objetivo, destacaremos que em Heráclito, passando ao largo da discussão técnica acerca dos fragmentos do efésio, vemos como o chamado Obscuro pensa como criança, mormente no fragmento 52: “o tempo da vida é uma criança que joga um jogo de oposições. De uma criança, seu reino” (KOHAN, 2003, p. 147). Tempo da vida refere-se a *Aion*, uma das dimensões do tempo para os gregos, relativo à intensidade sem tempo, ao lado de *Chrónos*, o tempo organizado, medido, e *Kairós*, o tempo da oportunidade, do cálculo.

Como nos mostra Kohan (2003, p. 148), “esse tempo de pensar a criança é uma metáfora de um tempo sem continuidade do passado, presente e futuro. [...] uma criança sem idade, sempre presente, enquanto devir de uma vida possível”. Nesse diapasão, Kohan (2007) nos mostra que somos habitados por duas infâncias: uma infância cronológica, outra infância, intensiva. A infância temporal é marcada por fases de desenvolvimento em direção à idade adulta, objeto das utopias políticas desde Platão, escolarizada e escrutinada segundo diversas ciências, desde a modernidade. Ela é a infância objeto que designamos antes: está presente nas Diretrizes Curriculares e outros estatutos. Essa infância é regida pelo tempo *Chrónos*, num processo cada vez mais controlado. Remete-nos aos conjuntos molares de que falam Deleuze-Guattari, pois é protegida pelas instituições, que cravam nela seus desígnios (GUATTARI-ROLNIK, 1993).

No entanto, Kohan (2007) considera, ainda, outra infância, conforme Deleuze-Guattari, minoritária, molecular, acontecimento, rizomática. As duas infâncias nos habitam, não são excludentes. Enquanto uma habita o espaço do mesmo, do centro, a outra habita o espaço da diferença, do novo, do singular, do devir: “o devir criança é uma forma de encontro que marca uma linha de fuga a transitar, aberta, intensa” (KOHAN, 2007, p. 96). Conforme Deleuze-Guattari (1997, p. 92) nos mostram:

‘uma’ criança coexiste conosco, numa zona de vizinhança ou num bloco de devir, numa linha de desterritorialização que nos arrasta a ambos — contrariamente à criança que fomos, da qual nos lembramos ou que fantasmamos, a criança molar da qual o adulto é o futuro.

Assim, abertos e expostos ao futuro, vivendo no presente da intensidade e dos devires, nos colocamos na escrita, no aprender, na errância, no deslocamento. Sem lugar fixo, mas no lugar do movimento, das experiências que nos tocam, afetam, constroem e

reconstruam, devir sem forma e modelo, abertura. Por isso, este final quer outros inícios, se abre para outras perguntas.

5 | PERGUNTANDO, AINDA:

Findo esse percurso de deslocamento, de um habitar o estrangeiramento diante da infância de uma escrita, nos ressentimos de uma síntese. Não a trazemos. Pensamos que em tal devir somos conduzidos ao manancial de perguntas como aquelas de crianças começando a falar, curiosas, tudo profanando (AGAMBEN, 2007), trazendo ao comum, ao meio da sala e do mundo, dessacralizando as respostas cristalizadas e provocando-nos o pensar o novo, que representa a chegada dos mais novos diante da tarefa da educação, no dizer de Arendt (1979).

Diante da infância que nos abre tantas estranhezas e errâncias, que nos leva a habitar outros tempos e outras terras, gostaríamos de encerrar, provisoriamente, com outras perguntas: o que a reflexão que nos tomou pode nos conduzir a (re)pensar a educação da infância, a filosofia para e com crianças? O que pode significar, considerando as duas possibilidades de infância - cronológica e aiônica – educar a infância na filosofia? O que é educar crianças, adolescentes, jovens, num momento marcado pela ascensão de fundamentalismos vários, em vários quadrantes do mundo, em particular, no Brasil e América Latina?

Podemos também ampliar as perguntas: o que significa a filosofia para crianças (com crianças) no meio popular da escola pública? O que é uma infância popular em nosso continente, nossa cidade, nossa escola? Qual a voz da linguagem da infância do povo, da escola popular sonhada por S. Rodríguez (KOHAN, 2016)? O que é uma escola pública popular? A pergunta tem sentido numa época conectada por redes sociais, de uma estética das marcas cada vez mais globalizadas, parecendo apagar todas as singularidades, na qual, começando pelas crianças, todos são seqüestrados pelo registro massificante da internet e das redes sociais? Que lugar tem a pergunta por uma infância popular nessa era das tecnologias digitais, que invadem inclusive o ‘meio popular’? Trata-se de dotar-nos de abertura a tais realidades ou simplesmente negligenciá-los? São questões candentes, sobre as quais há reflexões potentes, como a de Dussel (2017).

Que linhas de fugas as crianças, habitantes privilegiadas da infância, constroem nesse registro globalizante? Que possibilidade para que professores e crianças possam admitir outras criações, outros tempos na escola, em que, se não são anuladas as novas técnicas e tecnologias trazidas pelo tempo, possam se aplicar a assimilar outras possibilidades de pensar e exercitar com elas uma escola popular, potente, pensante?

Em nosso trajeto, mais do que apontar saídas, tentamos mostrar nosso próprio estranhamento diante da infância, dos tempos intensivos que nos trazem a infância, a escrita, errância de uma vida.

AGRADECIMENTO

O primeiro autor agradece à CAPES pela bolsa de pós-doutorado (PNPD 2017-2018) junto ao grupo de pesquisas Nefi (Núcleo de Estudos de Filosofias e Infâncias), coordenado pelo Prof. Walter Kohan, do Programa de Pós-graduação em Educação (PropEd) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), período que inspirou parte deste texto.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, G. **Profanações**. Tradução, apresentação Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. **Infância e história**. Destruição da experiência e origem da história. Tradução Henrique Burigo. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2014 [Nova edição aumentada, 3ª reimpressão].

ALMEIDA, S. R. G. Deslocamento. In: COSER, S. (Org.). **Viagem, deslocamentos, espaços**. Conceitos críticos. Vitória: EDUFES, 2016.

ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. Tradução Mauro W. B. de Almeida. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BÍBLIA SAGRADA. Tradução, introduções e notas Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin. São Paulo: Paulus, 1990.

CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, G. **Conversações**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. São Paulo: Ed. 34, 1992. [Coleção Trans, 5ª reimpressão, 2006].

_____. **Crítica e clínica**. Tradução P. P. Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997. [Coleção Trans].

DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil Platôs**. Capitalismo e esquizofrenia. Vol. 4. Tradução Suely Rolnik. São Paulo: Ed. 34, 1997 [1.ed. 1997, 3ª reimpressão – 2007].

DELEUZE, G.; PARNET, C. **Diálogos**. Tradução Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DUSSEL, I. Sobre a precariedade da escola. In: LARROSA, J. (Org.). **Elogio da escola**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

GALEANO, E. **O livro dos abraços**. Trad. Eric Nepomuceno. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2017.

GUATTARI, F., ROLNIK, S. **Micropolítica**. Cartografias do desejo. Petrópolis: Vozes, 1993.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. 1.ed. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001.

KOHAN, W. **Infância**. Entre educação e filosofia. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

____. **Infância, estrangeiridade e ignorância**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

____. **El maestro inventor Simón Rodríguez**. 3.ed. Caracas (Venezuela): Ediciones del solar, 2016.

____. Visões de filosofia: infância. **Alea**. Rio de Janeiro. Vol. 17/2, p. 216-226, jul-dez 2015. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1517-106x/172-216>. Acesso em 20.fev 2018.

LARROSA, J. **Estudar**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2003. [Edição bilíngue].

____. **Pedagogia profana**. Danças, piruetas e mascaradas. 4.ed. Tradução A. Veiga-Neto. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

____; KOHAN, W. **Apresentação da coleção**. In: LARROSA, Tremores. Escritos sobre a experiência. Tradução Cristina Antunes, João Wanderley Geraldi. 1. Ed., 2ª reimpressão. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

LEAL, B. M. de S. **Chegar à infância**. Niterói: EdUFF, 2001. [Coleção Biblioteca EdUFF, 2004].

MATTHEWS, G. **A filosofia e a criança**. Tradução Carlos S. M. Rosa. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

NERUDA, P. **Livro das perguntas**. Tradução Ferreira Gullar. São Paulo: Cosac Naif, 2008.

ROSA, J. G. **Grande sertão: veredas**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.

SERRES, M. **Filosofia mestiça**. Tradução Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

STARLING, S. M. **Lembranças do Brasil**. Teoria, política, história e ficção em Grande sertão: veredas. Rio de Janeiro: Revan: UCAM, IUPERJ, 1999.

WALSH, R. Carta abierta de Rodolfo Walsh a la Junta Militar. Carta a mis amigos. **Veredas do Direito**. Belo Horizonte, v. 4. n-8. p.137-156. Julho-Dezembro 2007. Disponível em: http://www.domhelder.edu.br/veredas_direito/pdf/26_160.pdf Acesso 22.jan 2018.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alimentação saudável 52, 55, 57, 61, 62

Aprendizagem 10, 11, 20, 21, 31, 32, 35, 36, 40, 41, 42, 43, 44, 50, 54, 58, 59, 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70, 71, 74, 95, 96, 97, 98, 105, 120, 126, 129, 130, 132, 135, 136, 143, 157, 158, 159, 161, 166, 169, 170, 173, 174, 176, 178, 180, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 194, 196, 199, 204, 205, 206, 207, 208, 213, 217, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Atitudes 12, 32, 108, 130, 135

Atividades matemáticas 41, 44, 45, 46

Autonomia 1, 11, 21, 33, 35, 65, 69, 98, 163, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 221

C

Características do docente 138, 152

Cidadania 1, 2, 5, 6, 20, 26, 96, 107, 118, 126, 127, 129, 130, 133, 134, 135, 137, 206

Ciências do ambiente 177, 178, 180, 181, 182

D

Desempenho 49, 65, 69, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 155, 182, 224, 225

Desenvolvimento infantil 52, 53

Deslocamento 71, 73, 74, 75, 76, 77, 79, 81, 82, 83, 113

Discalculia 40, 41, 42, 43, 44

Discurso tecnopedagógico 106, 109, 114

E

Educação 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 18, 20, 21, 23, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 51, 52, 54, 62, 64, 65, 66, 70, 71, 72, 75, 80, 82, 83, 84, 95, 96, 97, 98, 99, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 126, 127, 129, 130, 135, 136, 137, 139, 145, 148, 151, 152, 153, 154, 156, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 183, 184, 185, 186, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 211, 213, 218, 219, 221, 227, 234, 235

Educação básica 8, 34, 35, 37, 38, 51, 62, 106, 110, 176, 185, 204, 205, 235

Educação cooperativa 95, 96, 98

Educação física 65, 116, 117, 118, 120, 121, 122, 123, 124

Educação inclusiva 7, 42, 43, 44, 116, 117, 119, 124, 168

Educação infantil 34, 52, 54, 62, 117, 120, 184, 185, 186, 197, 213
Educação integral 163, 164, 165, 167, 168, 171, 172, 173, 174, 175, 176
Educação mediadora 163, 169, 171, 173, 174
Educação para a paz 126, 127, 136
Educação popular 1, 8, 176
Empreendedorismo 220, 221, 222, 223, 226, 228
ENADE 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 154, 155
Ensino 2, 4, 5, 6, 8, 9, 11, 12, 13, 16, 19, 20, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 36, 37, 39, 40, 42, 43, 44, 51, 53, 54, 58, 60, 61, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 95, 96, 97, 105, 108, 110, 111, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 123, 124, 125, 126, 127, 129, 130, 131, 132, 135, 136, 139, 140, 141, 144, 146, 151, 153, 156, 157, 158, 160, 161, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 172, 174, 175, 176, 178, 183, 185, 187, 198, 199, 200, 201, 202, 204, 205, 206, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 215, 216, 217, 218, 219, 220, 221, 222, 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 235
Ensino à distância 156
Ensino de línguas 127, 129
Ensino superior 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 39, 71, 117, 139, 141, 153, 183, 199, 202, 221, 227, 229, 230, 235
Errância 71, 72, 73, 75, 79, 81, 82
Escrita 42, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 132, 182, 185, 194, 196
Estratégias 34, 51, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 104, 116, 123, 125, 131, 140, 144, 170, 196, 209, 217, 229, 233
Estratégias de aprendizagem 63, 64, 65, 66, 68, 69, 70
Estratégias de ensino 51, 63, 64, 65, 66, 67, 69, 70, 123
Experiência acadêmica 177
Experiências 1, 9, 13, 18, 21, 34, 36, 38, 68, 77, 81, 99, 178, 184, 186, 187, 189, 196, 198, 199, 200, 202, 208, 212, 213, 215, 225, 228, 229, 230, 231, 233
Extensão 19, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 36, 79, 144, 198, 199, 202, 221, 230, 231

F

Formação de professores 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 39, 44, 51, 126, 134, 175, 204, 205, 207, 218, 219, 235
Formação educacional do trabalhador 12, 13, 15, 19, 21, 23, 24

G

Gestão universitária 138, 139, 142, 143, 144, 152, 154
Graduação 83, 95, 139, 140, 141, 144, 149, 154, 163, 178, 183, 198, 199, 200, 201, 202, 203, 208, 211, 221, 229, 231, 232, 235

Grupos de estudo 96, 98

I

Inclusão 2, 40, 41, 43, 44, 45, 47, 48, 49, 50, 52, 116, 118, 121, 123, 124, 125, 134, 174, 229

Infância 7, 55, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 167, 184, 185, 197

Innovación 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94

Innovación educativa 85, 86, 87, 91, 94

Interdisciplinaridade 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 39, 68, 205, 206, 207, 218, 219

L

Literatura 31, 44, 71, 73, 76, 77, 78, 132, 139, 144, 151, 154, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 162, 224

M

Mediação intercultural 126, 127, 129, 134, 135, 136

Medialab 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94

Metodologias ativas 95, 96, 97, 99, 105, 220, 221, 223, 226, 227, 228

Monitoria 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 229, 230, 231, 232, 233, 234

Motivação no contexto escolar 64, 65

N

Negócios 144, 145, 220, 222, 223, 224, 225, 226, 228

Nuevas metodologías 85

P

Pedagogia da infância 184

Pedagogia de projetos 184

Pedagogia universitária 27, 28, 29, 30, 32, 33, 34, 36, 37, 38, 39

Pesquisa 2, 16, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 36, 37, 38, 43, 44, 45, 50, 54, 55, 56, 59, 61, 62, 63, 65, 66, 69, 70, 71, 81, 105, 116, 119, 120, 121, 124, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 154, 155, 163, 169, 174, 175, 182, 184, 193, 194, 198, 199, 201, 202, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 218, 220, 221, 223, 224, 227, 230, 231, 232, 235

Prática docente 36, 37, 163, 164, 174, 175, 184, 208, 217

Práticas interdisciplinares 21, 204, 205, 206, 209

Problem Based Learning 220, 223

Processo ensino-aprendizagem 32, 58, 64, 208, 219

PROEITI 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 176

Professores 11, 21, 24, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 43, 44, 50, 51, 54, 61, 63, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 82, 97, 98, 100, 104, 106, 107, 109, 110, 111, 118, 119, 120, 123, 126, 132, 134, 135, 138, 141, 142, 143, 146, 149, 152, 153, 154, 155, 156, 163, 164, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 173, 174, 175, 176, 187, 204, 205, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 219, 224, 235

S

Saúde 2, 10, 52, 53, 56, 57, 59, 62, 66, 96, 105, 124, 234

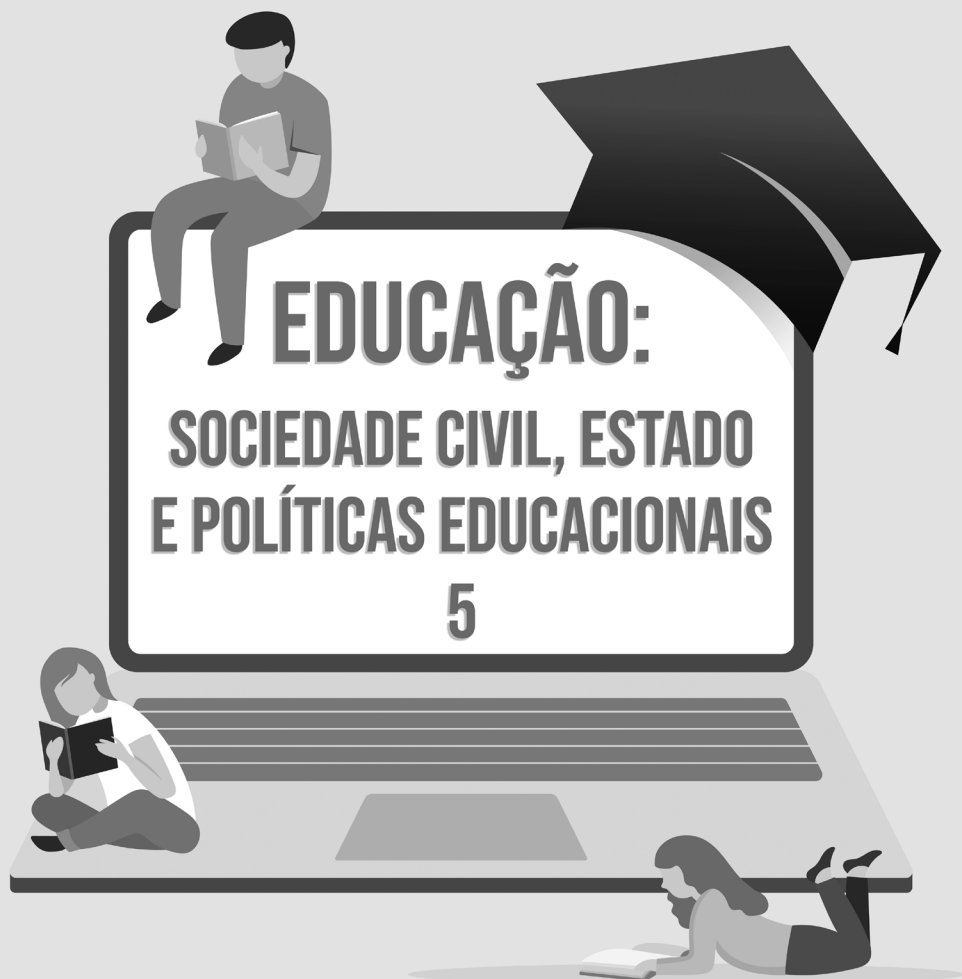
Sociedade 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 18, 19, 27, 28, 29, 30, 31, 44, 61, 62, 68, 80, 107, 109, 110, 118, 123, 124, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 153, 155, 159, 161, 171, 172, 200, 202, 205, 206

T

Tecnologia 11, 40, 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 142, 156, 159, 177, 179, 206, 221, 223, 225, 229

TIC 106, 107, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 142

Trabajo colaborativo 85, 90, 92



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

@atenaeditora 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

 **Atena**
Editora
Ano 2021



www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 


Ano 2021